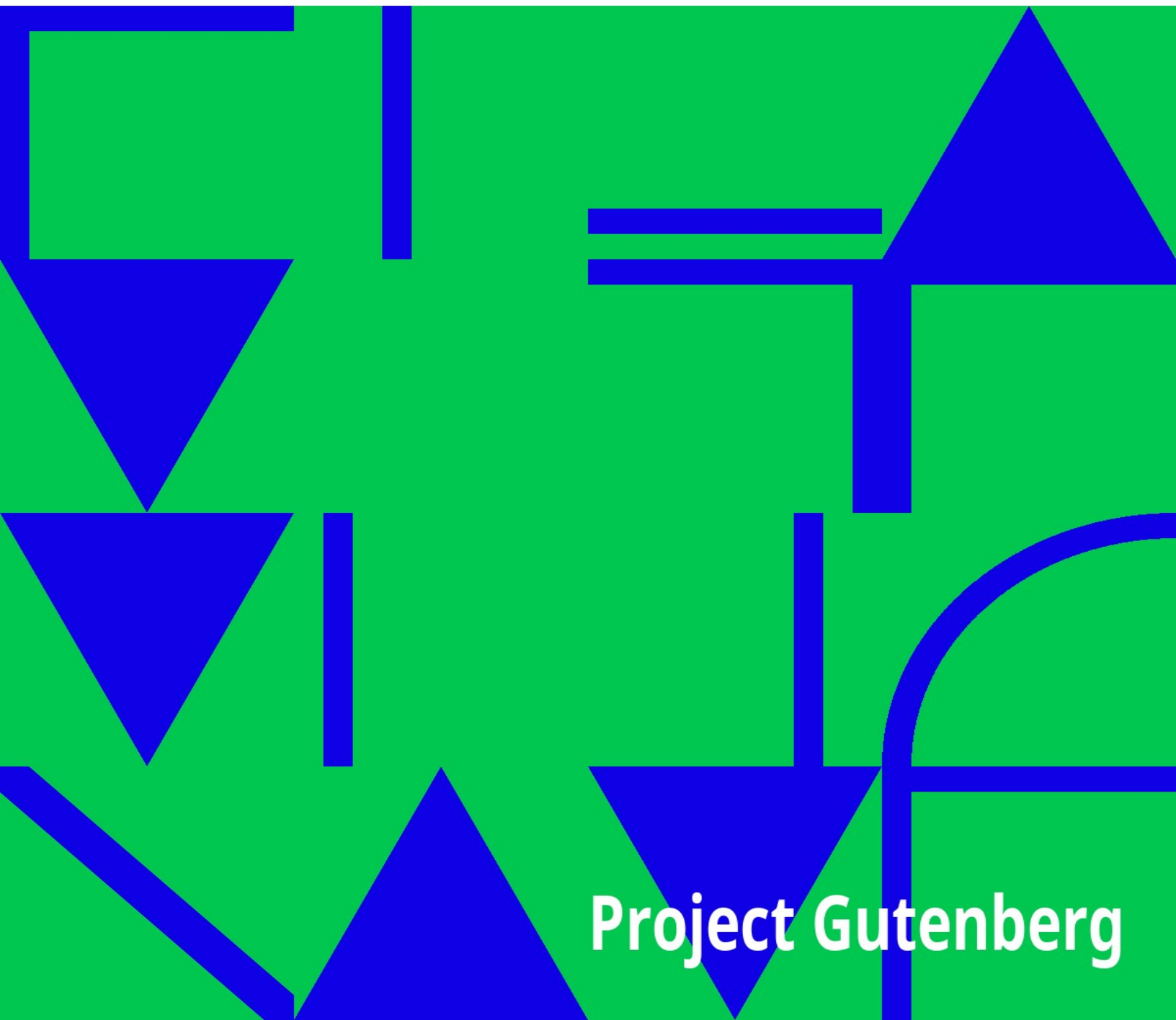


Obras posthumas

Nicolau Tolentino

The background of the lower half of the image is a solid green color. Overlaid on this green background is a complex, abstract pattern of blue geometric shapes. These shapes include various triangles of different sizes and orientations, some rectangles, and a large, thick blue arc on the right side. The shapes are arranged in a way that creates a sense of depth and movement, with some shapes appearing to overlap others.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Obras posthumas

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Obras posthumas

Author: Nicolau Tolentino

Release date: July 3, 2011 [eBook #36608]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National

Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK
OBRAS POSTHUMAS ***

OBRAS
POSTHUMAS

DE

NICOLÃO TOLENTINO
DE ALMEIDA.

LISBOA, 1828.

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

*Com Licença da Meza do Desembargo
do Paço.*

A Sua Alteza.

SONETO I.

Tornai, tornai, Senhor, ao Tejo undoso,
Vinde honrar-lhe outra vez a clara
enchente,
E deixai que ajoelhe entre a mais
gente
Hum protegido humilde, e
respeitoso.

Não leva a vossos pés rogo teimoso
De importuno cansado pertendente;
Vem beijar-vos a mão
humildemente,
A mão augusta que o fará ditoso.

Pois foi por Vós benignamente ouvido,
Não vai fazer em pertenções
estudo,
Vai só mostrar-vos que he
agradecido.

Ante Vós ajoelha humilde, e mudo:

Mostrai-lhe que inda he Vosso
protegido;
Que se isto lhe ficou, ficou-lhe tudo.

A Sua Alteza.

SONETO II.

Qual naufrago, Senhor, que foi alçado
Por mão piedosa d'entre as ondas
frias,
Tal eu de antigas duras agonias
Por vossas Reaes mãos fui
resgatado:

Pois vencestes as teimas do meu fado,
E já vejo raiar dourados dias,
Deixai que possa em minhas
poesias
O vosso Augusto Nome ser
cantado.

Não he digna de vós minha escriptura,
Nem harmonia, nem estilo a adoça;
Mas valha-lhe, Senhor, vontade
pura.

Príncipe excelso, consentí que eu
possa

Fazer inda maior minha ventura,
Contando ao mundo que foi obra
Vossa.

*Sahindo Conselheiro da Fazenda o Illustrissimo,
e Excellentissimo Senhor D. Diogo
de Noronha.*

SONETO III.

Nem sempre em verdes annos a
imprudencia
 Produz irregular procedimento:
Nem sempre encontra o humano
entendimento
Só perto do sepulcro a sã
prudencia.

Em Vós não esperou a Providencia
 Que longas cans vos dêm
merecimento:
Em Vós mostrou que estudos, e
talento
Valem mais do que a larga
experiencia.

Os eruditos velhos Conselheiros,
 Depois que o vosso voto alli for
dado,
Serão de Vós eternos pregoeiros:

E dirão que deveis ser escutado
Onde os Ministros vossos
companheiros
Não sejam da Fazenda, mas do
Estado.

Aos leques mui pequenos, chamados Marotinhos.

SONETO IV.^[1]

Fofo colchão, as plumas bem erguidas,
E sobre os hombros nas jucundas
frentes
De enrolado cabelo anneis
pendentes,
Longos chorões, bellezas
estendidas,

Era esta das matronas presumidas
A moda, que trazião bem contentes;
Rião-se dellas as modestas gentes
Vendo pequenas poupas
esquecidas.

Nisto a gentil Madama aperaltada,
Grande auctora de trastes
exquisitos,
Nova moda lhe inventa
abandalhada.

Reprova-lhe aureos leques com mil ditos.

Eis senão quando (oh moda endiabrada!)
Abanão-se com azas de mosquitos.

O cruel disfarce.

SONETO V.

Sem murmurar padecerei callado
Cumprindo o teu preceito violento:
Faltava a envenenar o meu tormento
Dever ser por mim mesmo disfarçado.

De trazer o semblante socegado
Farei o inculpavel fingimento:
Nos olhos mostrarei contentamento,
Tendo hum punhal no coração cravado.

Este peito onde nunca engano viste,
Que não sabe a vil arte de affectar-se,
Onde a verdade, e a intacta fé existe,

Martyr do amor, e do infiel disfarce,

Nas tuas adoráveis mãos desiste
Té dos tristes direitos de queixar-se!

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Visconde de Ponte de Lima, Secretario
de Estado.*

SONETO VI.

A longa cabelleira branquejando,
Encostado no braço de hum
Tenente,
Cercado de infeliz chorosa gente
Hia passando o velho venerando.^[2]

Geraes repostas para o lado dando:
«Sim Senhor; Bem me lembra;
Brevemente;»
Na praguejada mão onnipotente
Nunca lidos papeis hia aceitando.

Mas eu que já esperava altas
mudanças,
Melhor tempo aguardei, e na
algibeira
Metti a Petição, e as esperanças.

Chegou, Senhor Visconde, a *viradeira*:
Soltai-me a mim tambem destas
crianças,

Onde tenho o meu Forte da
Junqueira.

*Fazendo Annos a Illustrissima, e Excellentissima
Senhora Marqueza de Angeja.*

SONETO VII.

Senhora, ha muito tempo pertendia
Ser do vosso favor patrocinado:
Mil vezes vos quiz dar este recado;
Porém sempre o respeito me
impedia.

Chegou em fim o venturoso dia
A fazer beneficios destinado:
Vou neste privilegio confiado;
Que a não ser isso não me
atreveria:

Vou pedir que descendo da Cadeira,
Onde explico os crueis Quintilianos,
Me ensineis a tomar melhor
carreira.

Que em mim ponhais os olhos
soberanos,
E que me chegue em fim a
viradeira^[3]
No faustissimo dia destes annos.

*Aos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo
Senhor Conde de Avintes.*

SONETO VIII.

A varonil idade florecente
Vos tece, illustre Heróe, annos
dourados
Para serem á Patria consagrados;
Pois sois de Almeidas claro
descendente.

Sobre as terras, e mares do Oriente
Inda vejo os trofeos alevantados:
Vejo beber mil corpos aboiados
Do turvo Gange a fervida corrente.

No difficil caminho d'honra, e gloria
Por ferro, e fogo a seus bons Reis
servindo,
Vos deixão por doutrina a sua
historia.

Forão diante o duro passo abrindo:
Entraí, Senhor, no Templo da
Memoria,
Os bons Avós, e o illustre Pai
seguindo.

Estando nas Caldas.

SONETO IX.

Por mais que vos alongue olhos
cansados,

Olhos ha tanto tempo descontentes,
Não vedes mais que pallidos
doentes

Por mãos estranhas n'agoa
sustentados.

Quantas vezes ficastes magoados

Por ver ir entre as fervidas correntes
Envolvidas mil lagrimas ardentes
Do que em vão quer alçar braços
mirrados!

Vistas são estas de bem pouco gosto;

Porém bem pagos ficareis hum dia
Quando virdes de Arminda o lindo
rosto.

E o pranto, que atégora vos cahia

De lastima, d'auzencia, e de
desgosto,
Ella o fará correr; mas de alegria.

A huns Annos.

SONETO X.

Foi este o dia em que a teus pés
baixarão

Venus, e as lindas Graças
innocentes,
E em torno do aureo berço
reverentes
Ao som de alegres hymnos te
embalarão.

Aos teus olhos gentís communicarão
Cruel poder de conquistar as
gentes:

Mil suspiros, mil lagrimas ardentes
A muitos corações prognosticarão.

Dérão-te huma alma heroica, hum
nobre peito:

Dérão-te discrição, e formosura,
Dons a que o mundo está mui
pouco afeito.

Mas, oh humana sorte, triste, escura!

Para na terra nada haver perfeito,
Dérão-te hum coração de pedra
dura.

Ao disfarce das Mulheres.

SONETO XI.

Vens debalde, oh bellissima perjura,
C'o lindo rosto em lagrimas
banhado:
Já fui por ti mil vezes enganado,
E sempre me affectaste essa
ternura.

Esse alvo peito, que he de neve pura,
Mas de aço, e fino bronze
temperado,
Encobre hum coração refalseado,
Hum coração de viva rocha dura.

Em vão trabalhas, se enganar-me
queres,
Vejo correr com animo sereno
Esse pranto em que fundas teus
poderes:

Mal inventado ardil: ardil pequeno:
Tu mesma me ensinaste, que as
mulheres
Misturão com as lagrimas veneno.

A huma Camponeza.

SONETO XII.

Não morão em palacios estucados
Almas singelas, almas extremosas:
Nutrem da Corte as damas
enganosas
Em tenros peitos corações
dobrados.

Venhão por longos mares
conquistados
As Indianas sedas preciosas:
Cubrão-lhe as carnes alvas, e
mimosas
Ricos vestidos em Paris bordados.

São isto effeitos da arte, e da ventura:
Estimo mais que toda a vã
grandeza
Hum limpo coração, hum alma
pura.

Não na Corte; das serras na aspereza
Fui achar innocencia, e formosura,
Sagrados dons da simples
Natureza.

A huma Dama interesseira.

SONETO XIII.

Podião ser felices meus amores
Quando por ouro o amor se não
vendia:
Já de palavras Nize desconfia,
Só crê ou em dinheiro, ou em
penhores.

Vio-me assaltado d'ancias, e temores
Quando na porta irada mão batia:
Por costume infeliz ella sabia
Que era algum dos cansados
acretores.

Forão-se os dias bemaventurados,
Em que só almas grandes, peitos
nobres,
Erão do Deus de amor
agazalhados:

Negro destino hoje preside aos pobres:
Poz termo a bella Nize aos seus
agradados,
Vendo esta bolça condemnada a
cobres.

*Ao faustissimo dia da Inauguração da Estatua
Equestre d'El-Rey Fidelissimo o*

Senhor D. José I.

SONETO XIV.

Em quanto o Reino cheio de ternura
Ao grande Bemfeitor te ha
consagrado,
E respeita aos teus pés ajoelhado
O Rey Augusto de quem és figura:

Em quanto os que me vencem em
ventura
Abrindo o antigo cofre chapeado,
Mandão de prata, e d'ouro
recamado
Entretecer a rica vestidura:

Eu que não tenho desta louçania,
De outra sem pejo sahirei
composto,
Que não cede á mais fina pedraria.

São ternissimas lagrimas de gosto:
Nem infama o triunfo deste dia
Quem põe por gala o coração no
rosto.

Descrição de Badajoz.

SONETO XV.

Passei o Rio, que tornou atraz,
Se acaso he certo o que Camões
nos diz,
Em cuja ponte hum bando de
Aguazis
Registrão tudo quanto a gente traz.

Segue-se hum largo, em frente delle
jaz
Longa fileira de baiucas vís:
Cigarro acezo, fumo no nariz,
He como a companhia alli se faz.

A cidade por dentro he fraca rez,
As moças põem mantilhas, e andão
sós,
Tem boa cara; mas não tem bons
pés.

Isto, coifas de prata, e de retroz,
E a cada canto hum sórdido
Marquez,
Foi tudo quanto vi em Badajoz.

Á Serenissima Princeza entrando no banho.

SONETO XVI.

Nynfas do Téjo já por mim cantadas,
Nossa Augusta Princeza esta
presente;
Pedí-lhe, que honre a placida
corrente,
E as agoas ficarão mais prateadas.

Diante de seus pés ajoelhadas
Em justo acatamento reverente,
Serenem vossas mãos a clara
enchente,
E as frias agoas corraõ temperadas.

Sobre as ondas as frentes levantando,
Ao tempo que as douradas tranças
bellas
Brandamente lhe fordes enxugando,

Dizei-lhe, que sustento Irmãs
donzellas,
Outras viúvas; e ide-lhe lembrando,
Que o bem que me fizer he feito a
ellas.

*Levantando-se o Author da meza de hum
Grande por serem horas de ir para a Aula.*

SONETO XVII.

Não tomando em desprezo o escuro
estado

Em que me poz Fortuna, e
Natureza,
Olhastes sem horror minha baixeza,
E fizestes sentar-me ao vosso lado.

Então de ingrata obrigação chamado
Deixei á força a companhia, e a
meza,
E inda cheio de ideias de grandeza
Vim dar por thema hum Verbo
conjugado.

Não sei com dous oppostos conformar-
me;

Soffrem-me os Grandes, sou taful, e
moço,
Não sei a *Senhor Mestre* costumar-
me.

Taes extremos, Senhor, unir não
posso;

De dous genios não sou: mandai
fechar-me
Ou a minha Aula, ou o Palacio
vosso.

*Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Penalva
chegando o A. á quinta das Lapas.*

SONETO XVIII.

Hum triste fatigado caminhante
Chega a Vós, Illustrissimo Penalva:
Co'a mão na espada a augusta
Casa salva
Segundo as leis de cavalleiro
andante.

Sobre ronceiro fraco Rocinante,
Que pesca a dente encontradiça
malva
Por duras rochas, por areia calva
Cem vezes pronta morte vio diante.

Cuidando achar aqui melhores fados,
Aos pés de outro Rocim, por novo
caso,
Quasi que vio seus dias acabados.

Quiz correr junto a Vós sobre o
Pegaso:
Cahio, e por sinal colheis regados
Do sangue seu os louros do
Parnaso.

Descrição de hum Peralta amaltezado.

SONETO XVIX.^[4]

Hum vulto cuja fórma desconsola
Pelo muito que mostra o pouco sizo,
E que pela pobreza do juizo
Mil trastes exquisitos desenrola:

Chapeo que bem carrega hum mariola,
E que ainda aos sizudos causa rizo,
Cazaquinha cortada de improvizo,
Fivela que lhe vem de sola a sola:

Espantalho que em praça nunca falta
Sem ter occupação nem má, nem
boa,
Que apenas moça vê logo lhe salta:

Eis-aqui, sem medir qualquer pessoa,
Breve quadro de hum misero
Peralta,
Que affecta de Maltez cá em
Lisboa.

*Aos Annos do Serenissimo Principe Nosso
Senhor.*

SONETO XX.

Foi este, Alto Senhor, o santo dia,
O Ceo o concedeo, o Ceo que he
justo

Afflicto o Povo, posto em dôr, e em
susto
Com lagrimas ardentes lho pedia.

O fertil Ganges nas entranhas cria
Offertas para Vós, Príncipe Augusto,
E ajoelhado na praia o Povo adusto
Rico thesouro a vossos pés envia.

Ao Reino tecereis dias dourados,
Sem precisar que os Fastos
Lusitanos
Vos contem as acções dos Reis
passados.

Ponde os olhos nos vivos Soberanos,
Estudai-lhe as doutrinas, e os
cuidados,
E a patria acclamará os vossos
Annos.

*A hum Leigo Arrabido vesgo, despedido da
Meza do S. C. P. Silva, por tomar a melhor
pera da Meza. He o de que se trata
nas Decimas, Tom. II. pag. 178, Ferio
sacrilega espada.*

SONETO XXI.

O vesgo monstro que co'a gente ralha

E de manhã a todos atravessa,
A cuja hirsuta sordida cabeça
Nunca chegou juízo, nem navalha;

Que os gazeos olhos pela meza
espalha

Por ver se ha mais comer que tire,
ou peça,
Entrando nelle com tal fome, e
pressa
Qual faminto frizão em branda
palha;

Por crimes de alta gula, e pouco sizo,
De meza bem servida, mas severa,
Foi n'hum dia lançado de improvisio.

Hoje chorando o seu perdão espera:
Perdêrão dous glotões o Paraíso,
O antigo por maçãa, este por pera.

Aos toucados altos.

SONETO XXII. [\[5\]](#)

Foi ao Manique hum homem accusado
Por contrabandos ter; elle sciente
Chama a quadrilha, corre diligente,
Entra, busca, e não acha o
Malsinado.

Acha a mulher, que tinha por toucado
A torre de Belem: ella que o sente,
Banhada em pranto, desmaiada a
frente,
Prostra por terra o corpo delicado.

C'o boléo se esbandalha a mata
espessa,
Sahem della esguiões, cassas
lavradas,
E de belbute trinta e huma peça,

Fivelas, espadins, rendas bordadas:
Até tinha escondido na cabeça
O marido, e tres arcas encouradas.

Mettendo a ridiculo humas contradanças.

SONETO XXIII.

N'huma tremula sala mal armada
Com placas velhas, e papel pintado;
Clamava já o povo alvoroçado
Que fosse a Favorita começada.

Guincha em venal rabeca desgrudada
De velho musico o arco estuporado:
Cadeia, grita hum muito suado,

Olhem que vai a contradança
errada.

Nervoso chispo, saborosas frutas
He fazenda que alli nunca governa:
Aquellas bocas andão sempre
enxutas.

Nunca mais alli tórno a fazer perna:
Quanto mais val o ir com quatro
trutas
Fazer huma função n'huma taberna.

*Por ocasião de estranharem ao Author hum
sonho que a ninguém offendia.*

SONETO XXIV.

Atiça, ó moço, a moribunda chama
Dessa faminta, sordida candêa,
E encostado á parede cabecêa,
Posta de guarda ao pé da minha
cama.

Se o sono, que em meus olhos se
derrama,
E os languidos sentidos me
encadêa,
Tentar com sonhos esta pobre idéa,

Em altos gritos por meu nome
chama:

Assenta-me na cara essas mãos frias:
Pois ves o fructo, que sonhando
tiro,
Corta em raiz traidores fantasias.

Contra os sonhos desde hoje me
conspiro:
Se ao primeiro me dizem heresias,
Em sonhando outros pregão-me
hum tiro!

Á moda dos chapeos maiores da marca.

SONETO XXV.

Amigos, e Senhor meu, de França, ou
Malta
Hum chapeo mande vir a toda a
pressa;
A cópa que me ajuste na cabeça;
Mas as abas na fórmula a mais
peralta.

A detraz que me fique muito alta,
A preilha, e botão pequena peça:
Estimarei que disto não se esqueça;

Que a demora me faz bastante
falta.

Gostei muito do invento, he bem
traçado,
Porque vi no Loreto hum certo dia
Muito povo a correr para o Chiado,

Para ver hum Senhor, quem tal diria:
C'hum chapeo de tal fórma
desmarcado
Que nem a gente a pé passar
podia.

Às fivelas chamadas a la Chartre.

SONETO XXVI.

Oh quantos Mexicanos patações,
Mareados talheres já sem par,
Á tonta Avó o neto vai furtar
De mofentos decrepitos caixões:

Fundidos em quadrados fivelões
Para á Chartres o neto passear,
Traz nos pés a baixela singular
Que podia servir em correões.

Capitão Vento-Sul, rico Hollandez,

Que de prata subtil pequenos Ós
Servem só de fivelas nos teus pés,

Vem admirar-te, vendo que entre nós
Traz o pobre peralta Portuguez
Por fivelas molduras de tremós.

A huma Velha presumida.

SONETO XXVII.

Debalde sobre a face encarquilhada
Pendendo louros bugres
emprestados,
Dás inda ao louco amor teus vãos
cuidados,
Em carmins enganosos confiada.

Postiça formosura, em vão comprada,
Não torna atrás os annos
apressados:
Nem alvos dentes de marfim
talhados,
Tornão em nova a tremula
queixada.

De ti no mesmo tempo que do Gama
Cantou mil bens a Deosa
Trombeteira,

A que os baixos Poetas chamão
Fama:

Porém sempre ficaste em boa esteira;
Porque, se já não prestas para
dama,
Inda serves mui bem como terceira.

Aos Annos de huma formosa Dama.

SONETO XXVIII.

Deixai, Pastores, na montanha os
gados,

Vinde ao sitio melhor desta campina
Beijar a mão á bella, e peregrina
Deidade tutelar dos nossos prados:

Vinde offertrar-lhe aos annos
celebrados

O cravo, a roza, a angelica, a
bonina;
E ao mais suave som da flauta fina
Decantar seus illustres predicados.

Mas já a cercão pastores, e pastoras;
Huma lhe beija a mão, outra o
vestido;
Elles a coroão de vistosas flores,

E em doces vozes todo o rancho unido
Canta que ella he a Deosa dos
Amores;
Pois tem no rosto as settas de
Cupido.

A Sua Alteza.

SONETO XXIX.

Nesta cansada triste poesia
Vedes, Senhor, hum novo
pertendente,
Que aborrece o que estima toda a
gente,
Que he ter no mundo cargos, e
valia.

Sobre alto throno ha annos que regia
De docil povo turba obediente:
Mas quer antes sentar-se
humildemente
N'hum banco da Real Secretaria;

Qual modesto Capucho reverendo,
Que em fim de Guardiania triennal
Passa a Porteiro as chaves
recebendo.

Em mim conheço vocação igual:
E co'a mesma humildade hoje
pertendo
Passar de Mestre a ser Official.

A hum Padre Guardião.

SONETO XXX.

Meu Padre Guardião, que
exemplarmente

Regeis essa Capucha Sociedade,
Que munida do véo da Santidade
Passa como não passa a mais da
gente:

Vós que á força de braço onnipotente
Fazeis tremer do inferno a
potestade,
E aos exorcismos só de hum vosso
Frade
Se explica o Demo em Portuguez
corrente:

Logo que dessa estola o forte escudo
Buscar esbelta Nynfa, que atacada
Seja d'algun Demonio surdo, ou
mudo,

Mandai dos Márques conte a
trapalhada:^[6]

Pois só elle, que foi o que urdio
tudo,
Sabe quem commetteo a
velhacada.

*Em louvor de Caporalini, Actor do Theatro
de S. Carlos.*

SONETO XXXI.

No grão Theatro vejo sempre
enchentes:

As cans annosas, os cabellos
louros,
Illustradas nações, barbaros
Mouros,
Todos da tua voz ficão pendentes.

Que importa que não deixem
descendentes

Teus ex-virís deshabitados couros;
Que importa que tu roubes aos
vindouros
Se enriqueces, se encantas os
presentes?

Não he traição ao sexo feminino;
He só razão quem te elogia, e
preza,
Comico Mestre, Musico divino.

Oh nação de harmonia, e de crueza!
O teu ferro nem sempre he
assassino:
Não insultou, honrou a natureza.

*Achando-se o Author prezo dos bellos olhos de
Marcia.*

SONETO XXXII.

Eu vi a Marcia bella, vi Cupido
Com arco, settas, e cruel aljava,
Com impeto sahir de donde estava,
E voar para mim enfurecido.

Fugí; bradei: porém não fui ouvido;
E o tyranno Rapaz que me buscava,
Com huma, e outra setta me
atirava,
Até de todo me deixar rendido.

Atou-me as mãos com asperas
cadeias,
Sem o mover o sangue que corria
Do roto coração, das rotas veias.

Antes, com frio rizo me dizia:
«E não sabias tu, que Amor receias,
Que nos olhos de Marcia Amor
vivia?»

Sobre a Ingratidão de huma Dama.

SONETO XXXIII.

Coração, de que gemes, de que
choras?

Que parece tens odio á propria vida!
Se perdeste teu bem, foi mão
perdida,
Com te pôr a morrer nada melhoras.

Eu bem sei que a beleza a quem
adoras,
Foi-te ingrata, e cruel, foi fementida;
Mas que esperavas tu, se he lei
sabida
O mudar-se a Mulher todas as
horas.

Socega, Coração, deixa a tristeza;
Quem te mandou querer com fé tão
pura,
Quem te mandou mostrar tanta
firmeza!

Erraste, tem paciencia, em fim procura
Não fazer por Mulher jámais fineza,
Acharás mais amor, maior ventura.

CANTIGAS

Feitas nas Caldas com o Estribilho:

*Negras tristezas,
Adeos, adeos.*

Não ha nas Caldas
Melancolia,
Dão alegria
Os ares seus.
*Negras tristezas,
Adeos, adeos.*

Sara-me a terra,
E não as agoas:
Não curão magoas
Os banhos seus.
Negras &c.

Huns lindos olhos,
Que o dia aclárão,
Afugentárão
Os males meus.
Negras &c.

Brandos sorrizos
A furto dados
Fazem dourados
Os dias meus.
Negras &c.

Se entra nos banhos
Marilia bella,
Entra com ella
O cego Deos.
Negras &c.

Alli tempéra
Nas agoas puras
As pontas duras
Dos ferros seus.
Negras &c.

Enxuga as tranças
Da Nynfa loura,
E nellas doura
Os farpões seus.
Negras &c.

Caldas ditosas
Teu nome cresça,
Alça a cabeça
Até os Ceos.
Negras &c.

O pobre Anfriso,
Que estas calçadas
Deixou regadas
Dos olhos seus,
Negras &c.

Hoje em triunfo
De seus pezares
Levanta altares
De Gnido ao Deos.
Negras &c.

ENDECHAS.

No sacro Templo
Que Amor habita
Minha alma afflictæ
Fui immolar.

Na ruiva flamma

Que silva ardendo
A mão detendo
Jurei-te amar.

Fumoso sangue,
Mal findo o voto,
Do peito roto
Vi gotejar.

D'alma oprimida
A insana pena
Causou-lhe Elena
Que soube amar.

Nos fidos peitos
O morto lume
Negro Ciume
Hia ateiar.

Vulcano féro
Ante Mavorte
O rival forte
Não póde olhar.

Dos desprezados,
Que soffrem tanto,
O rouco pranto
Feria o ar.

Aqui jaz Delio
Terno, e vencido.
Sem de Cupido
Premio alcançar:

Que Dafne esquiva,
Com triste agouro,
Em verde louro

Vio transformar.

Pan segue a Nynfa,
Que tanto adora;
Seu fado chora
Vendo-a mudar.

De tenras cannas
Amor lhe manda,
Que a frauta branda
Vá fabricar.

Cercada Dido
De angustias fêas,
Ah falso Eneas!
Se ouve bradar.

Seus lindos olhos
Frouxos erravão;
Em vão buscavão
O vago mar.

Subtís enredos
De acerbo dano
Bifronte engano
Eu vi tramar.

Por Thisbe bella,
Que busca errante,
Pyramo amante
Vai acabar.

Conhece a amada
O infeliz erro,
Ousa impio ferro
Em si cravar.

Serve-lhe a terra
De duro leito,
Vê-se-lhe o peito
Inda arquejar:

As pardas sombras;
Que Amor mistura,
Na Estyge escura
Vão aportar:

Desenrugando
A crespada fronte,
Lédo Acheronte
As foi buscar.

E eu combatido
De mil pezares
Vou pelos ares
A suspirar.

Sei ser-te amante
Sem prémios vivo,
Este o motivo
Do meu penar.

Vês mil exemplos,
E jámais pensas
Que póde offensas
Amor vingar.

Ah! sê piedosa:
As cruas penas
Torne serenas
Teu brande olhar.

*Em dia dos annos do Illustrissimo Principal
Almeida.*

Por mais que esse sangue honrado
Vos inspire os pondonores
De merecer os louvores
E não querer ser louvado,
Este dia he consagrado
A elogios soberanos:
Sem vir enfeitar enganos
Com mão venal, e fingida,
Em contar a minha vida
Louvarei os vossos annos.

Tecêrão-me em baixo estado
A Fortuna, e a Natureza:
Entre os braços da Pobreza
Fui desde o berço lançado.
Pelas vossas mãos alçado
Quebrei da desgraça o fio:

Se da crua fome, e frio
Livro o Pai, livro os Irmãos,
He obra das vossas mãos,
E faz o vosso elogio. [\[7\]](#)

MOTE.

*Olhos de Lize, olhos bellos,
Olhos para mim fataes,
Que hum vosso girar sómente
Me faz temer mil rivaes.*

GLOZA.

Da alva Lize os brancos dentes,
O rosto affavel, e brando,
A boca, donde em fallando
Ficamos todos pendentes,
Nos lizos hombros patentes
Soltos os longos cabellos
Não são causa dos desvellos,
Nem das ancias em que vivo:
Vós sois, vós sois o motivo,
Olhos de Lize, olhos bellos.

Vós sois os meus vencedores,
E sois gloria do vencido:
De vós me atira Cupido
Mil farpados passadores.
Se vence o Deus dos Amores,
Vós as armas lhe emprestais.
Que ternos saudosos ais,
Que pranto em vão derramado,
Me não tendes vós custado,
Olhos para mim fataes!

Se o rosto ao Ceo levantado
Alçais as pestanas pretas,
Logo de brilhantes setas
Vejo todo o ar cruzado.

Cupido, que tem jurado
Crua guerra á humana gente,
Das nuas costas pendente
Dura aljava, e passadores,
Fará conquistas menores
Que hum vosso girar sómente.

Quando desses claros lumes
Sahem as chammas brilhantes;
De mil rendidos amantes
Ouço saudosos queixumes.
Não chameis loucos ciumes,
Ó Lize, os que em mim causaes:
Do poder de huns olhos taes
Quem ha que livrar-se possa,
Se a menor perfeição vossa
Me faz temer mil rivaes?

MOTE.

*Tu teimas em desprezar-me,
Eu teimo em te idolatrar,
Juntarei teima com teima,
Teimando te hei de abrandar.*

GLOZA.

De ser comigo piedosa
Não dás, Marília, esperanças:
Inda, cruel, não te cansas
De ser esquiva, e teimosa!
Que importa, ó Ninfa formosa,
Vir neste pégo arriscar-me,
De mergulho ao mar lançar-me,
E os livres peixes colher-te;
Se quanto eu teimo em querer-te,
Tu teimas em desprezar-me?

C'os olhos ao Ceo erguidos,
Ou postos nos longos mares,
Por ti encho os vagos ares
De mil saudosos gemidos:
Nos rochedos desabridos,
Que em vão bate o rouco mar,
Devorando o meu pezar,
Já que de ouvi-lo te cansas,
Sem premio, sem esperanças
Eu teimo em te idolatrar.

Teimando, se mal não penso,
Hei de abrandar teus rigores;
Porque assim como em amores,
Tambem em teimas te venço.
Juro pelo Sol intenso,
Que a prumo estas rochas queima,
Que mais do que eu ninguém teima.
São as causas desiguais:
Mas por vêr quem teima mais,
Juntarei teima com teima.

Se alva fonte murmurando
Gasta em torno os duros seixos,
E vai dos annosos freixos
As raizes escarnando:

Se duras rochas quebrando
Vai c'o tempo o bravo mar:
Se bronzes póde cortar
Mordente lima teimosa:
Tambem eu, Ninfa formosa,
Teimando te hei de abrandar.

MOTE.

*Não sei que quer a desgraça,
Que atraz de mim corre tanto:
Hei de parar, e mostrar-lhe
Que de ve-la não me espanto.*

GLOZA.

Não sei que outro mal profundo
Inda a desgraça me guarda,
Se me tirou em Anarda
O que tem de bom o mundo!
Foi este golpe tão fundo,
Que outro não tem que me faça:
Se em levar-me o gesto, e a graça
De huns olhos, por quem vivia,
Me fez quanto mal podia,
Não sei que quer a desgraça!

Debalde outros gostos pintas,
Amor, para cativar-me:
Já não tornas a enganar-me,
Por mais, e mais que me mintas.
Inda tens as settas tintas,
Inda enxugo inutil pranto:
Ao teu venenoso encanto
Novas victimas procura;
E dá-lhe dessa ventura,
Que atraz de mim corre tanto.

Fizeste, ó desgraça, hum erro
Em vires do Amor valer-te:
Como ha de elle socorrer-te,
Se eu já conheço o seu ferro?
Á sua voz o ouvido cerro:
Custou-me sangue o escapar-lhe:
E para melhor provar-lhe,
Que eu já sou dos seus cortados,
Sinaes inda mal fechados
Hei de parar, e mostrar-lhe.

Tu só me déste hum desgosto,
Outro já não pódes dar-me:
Já agora sempre has de achar-me
A mesma alma, e o mesmo rosto,
Se em ferros por ti for posto,
Verás que ao som delles canto;
Se envolta em sanguineo manto
Me pões a morte diante,
Notarás no meu semblante,
Que de ve-la não me espanto.

MOTE.

Os meus olhos a chorar.

GLOZA.

Pranto inutil são os meios
Das pessoas desgraçadas:
Pagai, lagrimas cansadas,
Pagai delictos alheios.
Já que de ouro cofres cheios
Nunca pude a Nize dar,
Já que devo em fim pagar
Culpa, que só tem meus fados,
Fiquem sempre condemnados
Os meus olhos a chorar.

MOTE.

Já disse tudo a Cupido.

GLOZA.

Na vossa gentil figura
Mil dões natureza pôz:
Todos cuidão que sois vós
A Deosa da Formosura.
Venus mil vinganças jura,
Vendo o seu culto esquecido:
Vai de settas o ar ferido.
Senhora, andai cuidadosa,
Que a louca Deosa invejosa
Já disse tudo a Cupido.

MOTE.

Distancias, e saudades.

GLOZA.

As nodosas carvalheiras,
Que assombrão hermas estradas;
Altas rochas, penduradas
Sobre medonhas ribeiras;
Duras, íngremes ladeiras,
Escuras concavidades;
São as tristes soledades,
A quem meu cansado peito
Conta o mal, que lhe tem feito
Distancias, e saudades.

MOTE.

*Cantarei alegres penas,
Que cercão meu coração.*

GLOZA.

Que eu cante alegre me ordenas?
Que cruel, que dura Lei!
Porém obedecerei,
Cantarei alegres penas:
Por todo o modo envenenas
A minha infeliz paixão;
Tu déras valor á acção
De eu affectar alegrias,
Se visses as agonias
Que cercão meu coração.

MOTE.

*Nada no mundo figura,
Quem não chega a ter amor.*

GLOZA.

Deos de Amor, sempre a ventura
De tuas mãos pendente vi:
Tu pódes tudo; sem ti
Nada no mundo figura.
Recolhe da terra dura
Fructo immenso o Lavrador;
Mas occulto dissabor
No fundo da alma lhe diz,
Que não chega a ser feliz
Quem não chega a ter amor.

MOTE.

*Amor para me prender
Os teus olhos me mostrou.*

GLOZA.

Mil bellezas me fez vêr,
Porque alguma me rendesse,
Não sabia o que fizesse

Amor, para me prender.
Mil laços me foi tecer,
Laços vãos, que em vão me armou;
Provadas settas tirou,
Que hia em veneno ensopando;
Porém só me rendi quando
Os teus olhos me mostrou.

MOTE.

A minha felicidade.

GLOZA.

Cesse, ó Nize, o teu rigor:
Esse odio injusto reprime:
Perdem o nome de crime
Os crimes que faz amor.
Torne ao seu antigo ardor
A nossa antiga amizade:
Adoça a rigoridade
Do penoso estado meu,
E faze c'hum riso teu
A minha felicidade.

MOTE.

*Quem adora occultamente
Sem declarar seu amor
Sente mil ancias no peito,
Vive cercado de dôr.*

GLOZA.

Por que barbara razão
Hum justo amor se reprime,
E ha de julgar-se por crime
Pôr na boca o coração?
Claros olhos ferir vão
Hum coração innocente;
Nem ao triste se consente
Dar sinaes de seu cuidado!
Deoses! quanto he desgraçado
Quem adora occultamente!

No peito a chamma accendida
As entranhas lhe abrazou;
Mas da ingrata, que a ateou,
He crime ser percebida.
Se deita sangue a ferida
Á vista do matador,
Vejão de que nova dôr
Sente o triste a alma cortada,
Fallando co'a sua Amada
Sem declarar seu amor!

Arde em hum fogo escondido:

Pois se conta o seu cuidado,
Além de ser desgraçado,
Chamão-lhe em cima atrevido.
Até quasi tem perdido
De olhar o livre direito;
Vive sempre contrafeito;
E entre mil contrarios posto,
Mostra alegria no rosto,
Sente mil ancias no peito.

Busca alegres companhias,
Por curar o mal que sente:
Entra a ingrata de repente,
Despertão-se as cinzas frias.
Ternas Arias, Synfonias,
Tudo aviva o seu amor;
Mas dos fados o rigor
Tem sobre elle taes poderes,
Que no meio dos prazeres
Vive cercado de dôr.

MOTE.

*Nos olhos o amor explico
Que trago no coração;
Que não se póde occultar
No peito a doce paixão.*

GLOZA.

Mandas-me, ó Anarda, em vão
Os olhos meus reprimir;
Que elles sempre hão de seguir
O impulso do coração.
Sem querer sinaes daráõ
Do affecto, que não público:
Co'a boca, que mortifico,
Que importa que o não revele,
Se eu, por mais que me acautele,
Nos olhos o amor explico?

Amor os faz descuidados:
Em vão, Anarda, os abaxo;
Pois dahi a pouco os acho
Outra vez nos teus pregados.
Trazellos mais castigados
Não está na minha mão:
Esta continua omissão,
Este erro, como tu dizes,
He hum fructo das raizes,
Que trago no coração.

De que serve olhar a medo,
E fallar acautelado,
Se hum suspiro descuidado
Vem descobrir o segredo?
Este artificio, este enredo
Pouco poderá durar:
Meus olhos me hão de entregar;
Que hum amor na alma arraigado
He como hum fogo ateado,
Que se não póde occultar.

Tempo, e arte tenho posto
Para disfarçar-me em tudo:
Mas sae-me perdido o estudo,

Em vendo o teu lindo rosto.
Disfarça-se mal hum gosto,
Que nasce do coração:
Tambem tu dessa lição
Talvez que bem não sahiras,
Se assim como eu sentiras
No peito a doce paixão:

MOTE.

*Por passos sem esperança,
Onde me leva o dezejo?*

GLOZA.

Vão pensamento, descança,
Reconhece as forças minhas:
Tu não sabes, que caminhas
Por passos sem esperança?
Junto da corrente mansa
Me pões do dourado Tejo:
Cá de longe o sitio vejo:
Mas não devo hum passo dar,
Que eu não mereço chegar
Onde me leva o dezejo.

MOTE.

*Eu já tenho exp'rimentado
As minhas inclinações.*

GLOZA.

Que nunca teu doce agrado
De amizade simples passa,
Por minha grande desgraça
Eu já tenho exp'rimentado.
Antes odio declarado,
Que estas equivocacões!
Quero as ternas espressões
De que as almas se alimentão:
Com menos não se contentão
As minhas inclinações.

Ao mesmo Mote outra

GLOZA.

Senhora, eu tenho encontrado
No teu amor mil intrigas:
Não preciso que mo digas,
Eu já tenho exp'rimentado.
São premios do meu cuidado

Enganos, e ingratidões;
E por occultas razões
São, inda que mo não dizes,
Tão justas, como infelizes,
As minhas inclinações.

MOTE.

*Ouvi, ó Senhora, ouvi
Os suspiros de huma voz,
Que quando por vós suspira,
Aspira sómente a vós.*

GLOZA.

Chegou finalmente a hora
De saberdes quem vos ama:
Rebente esta antiga chama,
Que ardeo occulta atégora.
Amar callando, Senhora,
Assaz o fiz atéqui:
As ancias, que padeci,
Sejão finalmente expostas...
Ah! não me volteis as costas:
Ouví, ó Senhora, ouví.

Perdei huma vez o horror
A ouvir ternos gemidos;

Nunca ferirão ouvidos
Brandas palavras de Amor.
Que hora, e que sitio melhor,
Do que este em que estamos sós?
Que culpa, que crime atroz
Temeis que ante vós farão
As queixas de hum coração,
Os suspiros de huma voz?

Meu coração vos adora;
Sem saber o conquistais:
Estas ancias, estes ais
São obra vossa, ó Senhora.
Em segredo amou atégora;
De amor vive; amor respira;
E se vós, depondo a ira,
Lhe prometteis compaixão,
Que melhor ocasião,
Que quando por vós suspira?

Nelle, Senhora, não posso
Nutrir estranha paixão:
Em fim este coração
Foi feito para ser vosso:
Para encher-se de alvoroço
Basta ouvir a vossa voz:
Passa indiff'rente, e veloz
Por mil bellezas, que admira,
Nada o enche, a nada aspira,
Aspira sómente a vós.

MOTE.

*Hei de amar-te até á morte,
Quer tu me queiras, quer não:
Serei no amor desgraçado;
Mas com discreta eleição.*

GLOZA.

Não fujo, pódes rasgar
Este peito desgraçado;
Que o teu gesto retratado
Has de, cruel, nelle achar.
Posto que veja roubar
Á Parca a tesoura forte,
E dar-me na vida córte,
Inda ouvirás, que te digo:
«Ingrata, não me desdigo,
Hei de amar-te até á morte.»

Vem, Amor, auctorizar
O sagrado juramento
De até ao final alento
Firmemente te adorar.
De joelhos, no Altar
Co'a devida submissão
Resoluto ponho a mão;
Juro nas settas tremendas
De te amar, quer tu me offendas,
Quer tu me queiras, quer não.

Amor co'as mãos apressadas
Ergue dos olhos a venda,
E pasma da jura horrenda,

Que assusta as aras sagradas.
«Eis as correntes pezadas,
Que te esperão,» diz irado.
Eu as acceito humilhado,
«Não, ó Deos, não esmoreço
C'os ferros, posto conheço
Serei no amor desgraçado.»

A Liberdade ultrajada
Lança-me a revez a vista;
Risca-me da honrada lista,
E chama-me escravo irada.
Não crimines indignada
Esta nobre sujeição.
Arrastro o ferreo grilhão;
Mas por quem? Por Nize bella.
Ah! sim te deixo por ella;
Mas com discreta eleição.

MOTE.

Toda a Mulher he perjura.

GLOZA.

Triste solitario freixo,
Mais triste do que eras d'antes,
Conta, conta aos caminantes
A razão com que eu me queixo.
Em teu tronco escrita deixo
Minha funesta aventura:
Reconta esta historia dura,
Por que veja quem a ler,
Que depois de Armida o ser
Toda a Mulher he perjura.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Marquez de Penalva.*

Illustrissimo Penalva,
Já que me dais protecção,
Sentido na ocasião,
Porque bem sabeis que he calva.
Se o vosso braço me salva
Das crianças pertinazes,
Se a poder das vossas frases
Meu duro grilhão se corta,
Por triunfo á vossa porta
Pendurarei dous rapazes.

MOTE.

De mil suspiros que eu dou.

GLOZA.

Parto em fim desesperado,
E sem que o motivo conte

Vou a estranho horizonte
Chorar o meu triste fado.
Já vejo o laço quebrado
Que a ventura me forjou;
E como Nize o quebrou,
Conservando os olhos seccos,
Ao menos não ouça os éccos
De mil suspiros que eu dou.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Marquez de Penalva.*

Hontem soube o que podia
Estilo suave, e brando:
E quanto podeis fallando
Eu o vi na Academia.
Nas almas fogo accendia
Vossa discreta Oração.
Sobre a minha pertensão
Vos peço que assim oreis,
E que ao Principe falleis
Como fallais á Nação.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Conde de Villa Verde.*

Mandais-me que os versos traga
Que na almofada fallárão;
Porque os outros vos ficárão
Nas mãos da Illustre Arriaga.
Essa honra he huma paga,
Que elles nunca merecêrão:
Se os seus olhos se puzerão
Sobre tão baixa escriptura,
Devo essa grande ventura
Ás illustres mãos que os dérão.

Mas he do meu triste fado
Tão teimosa a crueldade,
Que até na felicidade
Vejo que sou desgraçado:
Pois devieis cautelado
Segurar a occasião:
Fingindo que errava a mão,
Entre mil papeis diversos
Podieis em vez dos Versos
Dar-lhe a minha petição.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Conde de Villa Verde.*

Assisti á Sagração,
Acto, Senhor, dos mais serios,
Que envolve augustos Mystérios
Da nossa Religião.
Lembrou-me crismar-me então
Por ser acto Episcopal;
Por permittir acção tal

Que outro appellido se tome;
Lembrou-me trocar o nome
De Mestre em Official.

Busquei as horas melhores,
E encommendei-me á fortuna;
Cheguei, e para a Tribuna
Tinhão já ido os Senhores.
Pelos frios corredores.
O bom Lima me encaminha;
Foi-me pôr na tal portinha
Onde os pertendentes vão
Pôr os joelhos no chão,
E os olhos na Rainha.

Co'a cabeça estopetada,
Como quem dorme sem cama,
Roto fumo, e alguma lama
Sobre a casaca encarnada,
Vi o tal que grita, e brada,
Quer na Sala, quer na rua.
Por mais que trabalha, e sua,
Guarda-roupa he louca idéa:
Como ha de guardar a alhêa
Quem trata tão mal da sua?

Ao pé a figura rara
Do pardo Cardeal astuto,
Que para cumprir o luto
Lhe basta mostrar a cara.
Dos dous na justiça clara
Grandes fundamentos acho;
Mas fujo mais para baixo,
E dispenso amigos taes,
Por não ficarmos iguaes
Na justiça, e no despacho.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Conde de Villa Verde, quando morreo o
Pai do Author.*

Peito de tanta bondade
De bom Pai o nome preza;
Levou-me hum a Natureza;
Mas deixou-me outro a piedade.
Amparai minha orfandade,
Porque a vossos pés me humilho:
Se não me abris outro trilho,
Tal a minha estrada vai,
Que irão co'a vida do Pai
As esperanças do Filho.

Vagando hum Officio que o A. pertendia.

Jaz o defunto enterrado:
E agora saber intento,
Se a caso no testamento
Me ficou algum legado.
A vossos pés ajoelhado
Ponho em vós minha esperança:
Tenho Parte, e não descansa;
E nesta causa infeliz,

Se não fordes o juiz,
Perderei de certo a herança.

*Ao Doutor Joaquim Ignacio Seixas, Medico
das Caldas.*

Meu Doutor, bem sei que quer
Que eu venha ás Ave-Marias;
Mas olhe: ha huns certos dias
Em que isto não póde ser.
Dona Antonia Xavier
(Que o Ceo por seculos guarde)
Faz annos, e eu esta tarde
Perco á Medicina o medo:
N'outros dias virei cedo;
Mas neste, ha de ser bem tarde.

DECIMA.

*A hum Prégador celebre (Fr. João Jacintho)
estando jantando com o A.*

Se deste potente vinho
Não cerceias as rações,
Temo que nos teus Sermões
Allegues só São Martinho.
Se lhe dás largo caminho
Pelo teu fecundo peito
Seu fatal magico effeito
Deixando-te a tres de fundo,
Te fará ser o segundo
Que diga: *sempre me deito.*^[8]

*Carta a Lourenço da Mota, Official da
Secretaria.*

Amigo Lourenço: Se tu não sabes o que he não ter dinheiro, eu to explico: Abaixo de Estupores he o maior mal do mundo, principalmente para quem herdou Irmãas sem nenhum rendimento, e com muito bom estomago.

Por vêr se aligeirava esta carga, empenhei-me em hum milhão para lhes comprar tenças, e em outro para lhas assentar; mas como as não cobrão, morrem de fome, e depois que são ricas, tornão-se a mim, e dellas aprendo o que são lucros cessantes, e damnos emergentes. Cuidei que tinha mettido huma lança em Africa, e vejo que a metti em mim mesmo; e arde agora a vela pelas duas pontas.

Tu que tens bom coração, e que estás ao pé do Senhor Marquez, que o tem melhor, pede-lhe por caridade o despacho dessa petição.

Não te assustem os tres annos; porque ainda mal que ouço que no de 93 não tiverão cabimento. Pede-lhe que já que me livrou de crianças, me livre tambem de velhas, gado ainda mais impertinente, e que se não contenta com figuras de Rhetorica. Interessa-te pelo teu Nicoláo, Amigo, e Collega, e sabe que, se lhe não mandas as Portarias, terás a vergonha de o vêr andar pelas outras. Recomenda-se á tua efficacia.

O teu fiel Amigo

N. T.

Peço que mates a fome
A este meu povo immenso,
E peço-te, meu Lourenço,
Pelo Santo do teu Nome.
Por hum bom serviço tome
A paga das taes tencinhas.
Pois teve as carnes mesquinhas
Em vivas brazas vermelhas,
Em louvor das suas grelhas
Peço me livres das minhas.

Com esta tenho enviado
Tres cartas, segundo penso,
Ao meu amigo Lourenço:
Nem reposta, nem mandado.
A dôr de que estou tomado
Sim desejo allivialla:
Mas a tua mais me aballa,
E parece mais intensa:

Pois eu sim fico sem Tença;
Porém tu estás sem falla.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Conde de Villa Verde, andando o A. na
pertença de ser Official da Secretaria
de Estado.*

DECIMA.

Senhor, venho perguntar
Quando ides ficar no Paço:
Para que á força de braço
Lanceis esta náó ao mar.
Sabe montes aplanar
Vossa discreta portia:
E pinta-me a fantasia,
A qual nem sempre me engana,
Que só na Vossa semana
Me ha de chegar o meu dia.

*Ao Juiz do Crime de Andaluz, dando-lhe este
parte que estava para casar, e mostrando-lhe*

*versos, que fizera á Noiva. He o
de que trata o soneto 33, Tom. I. pag. 35.*

Manoel, muda o cuidado,
Abafa essa chamma ardente:
Não falla hum são a hum doente;
Fallate outro exp'rimentado.

Já servi ao Deos do engano,
Fórte com forças alheias.
Passei nas suas cadeias
Apoz hum anno outro anno.

Prometteo-me alto favor;
Mas sabe, pois que começa,
Que o que tive das promessas
Forão lagrimas, e dôr.

Não te deixes enganar
Do rosto brando, e sereno:
Tempéra em riso o veneno;
Afaga para matar.

Com mil modos attractivos
Chama a cega, e incauta gente:
Lança-lhe dura corrente,
E escarnece dos cativos.

Como trata os infelizes,
Que andou outr'ora amimando,
Meu peito to está mostrando
Nesta frescas cicatrizes.

Até em cousas de peta
Quer mostrar o seu rigor:

Faz entrar n'hum prosador
A mania de poeta.

Mas esses laços que trazes,
Dom desse Deos inimigo,
Talvez que sejam castigo
D'outras prisões, que tu fazes.

Fere a muitos tua mão,
Inda que tanto a reprimes,
E vens a pagar teus crimes
Com pena de Talião.

MEMORIAL

A Suas Altezas.

Se os Principes nos são dados
Para geral beneficio,
E se o seu mais digno officio
He ouvir os desgraçados:

Ouví minha desventura,
E consentí que esta vez
Se lastime a vossos pés
Hum queixoso da ventura.

Sahirem humildes ais

De hum peito singelo, e aberto,
He o direito mais certo,
Quando os Juizes são tais.

Fundadas sobre a verdade
As minhas supplicas vão:
Não peço por ambição,
Peço por necessidade.

Em mim o cuidado cae
De Irmãs postas em pobreza:
A piedade, e a natureza
Me fazem Irmão, e Pae.

Olhos em pranto banhados,
Que eu sem dôr não posso ver,
Vos fazem agora ler
Estes versos mal limados.

São tristes Orfãs donzellas,
E merecem suas dôres
Que vós, Augustos Senhores,
Hajais piedade dellas.

Por mais esforços que eu faça
Como hei de dar-lhe favor,
Se o seu triste bemfeitor
Vive na mesma desgraça?

Da miseria as tirareis,
Se eu da miseria sahir:
Sobre muitos vai cahir
O favor que me fazeis.

Vós, ó Augusta Princeza,
Em quem o Ceo quiz juntar
O melhor que pódem dar

A fortuna, a natureza,

Tende dó de seu lamento;
E dai a mão favoravel
A hum sexo respeitavel,
De que vós sois ornamento.

A petição que vos faço
Não he de facil indulto;
Para pouco, fora insulto
Valer-me do Vosso braço.

Não he facil, mas he justa:
E será bem despachada,
Se huma vez apresentada
For por Vós á Irmã Augusta.

Principes, tende piedade:
Ponde a meus queixumes pausa:
Protegei na minha causa
A causa da humanidade.

O que de Tito se diz,
Hum Rei Vosso Avô dizia;
Chamava perdido o dia,
Se não fez alguém feliz.

Motivo de tristes ais
Quaesquer mãos o pódem dar;
Más venturas emendar
Só pertence a mãos Reais.

Dos homens, inda que ingratos,
Ouve Deos os rogos justos:
Vós, ó Principes Augustos,
Sois na terra os seus retratos.

Mas já o tempo opportuno
Apressa as azas escassas,
E não devo ás mais desgraças
Ajuntar a de importuno.

Acabe a triste escriptura,
Digna por tal de piedade:
Eu dei-lhe pranto, e verdade,
Vós podeis dar-lhe ventura.

*No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo
Senhor Conde de Villa Verde.*

Não venho dourar enganos;
A vida não he louvor;
Pois tambem vivem Tyrannos:
Eu venho, illustre Senhor
Louvar obras, e não annos.

De homem commum não se exime
Quem não tem virtudes claras:
He pouco fugir do crime:
Consagrão-se as almas raras
A trabalho mais sublime;

A trabalho heroico: e creio
Pelo provado aforismo,
Que em sãos Filosofos leio,
Que o verdadeiro heroismo
He fazer o bem alheio.

Taes trabalhos honra dão
Á digna mão que os procura:
Não amo Heróes da ambição:
Buscão a sua ventura;
Vós buscais a da Nação.

Serem por vós levantados
Os talentos esquecidos;
Do triste os ais desprezados
Serem aos Reaes Ouvidos
Pelas vossas mãos levados;

De quem a vós se acolheo,
Remediar o queixume;
Ter como proprio o mal seu;
He este o vosso costume,
E o genio que o Ceo vos deo.

E o Throno aos Povos propicio,
Que vigia em seu favor,
Fez-lhe o geral beneficio
De mandar, que em vós, Senhor,
O que he genio fosse Officio.

Partio Officios pezados
Com quem os servisse bem:
São projectos acertados:
Quem do Throno o sangue tem,
Tenha tambem os cuidados.

Dai aos gratos Lusitanos
Longo tempo Mão segura
Contra injustiças, e enganos;
E seja a sua ventura
O louvor dos vossos Annos.

Mas, Senhor, moços Poetas

Vinguem meus esforços vão:
Musas zombão de Jarretas:
Pedem-me as tremulas mãos,
Mais do que Lyra, muletas.

Fogosos Vates emprehendão
Altos vôos neste dia:
Musas com Musas contendão:
Sáião Odes á porfia;
E queira Deos que se entendão.

QUINTILHAS

Em louvor de huma Senhora.

Lyra minha, rouca lyra,
Hoje afinada consente,
Que a tremula mão te fira:
Cante huma só vez contente
Quem por costume suspira.

Louvemos Anarda bella;
Eu vejo aos astros subir
Meus versos em honra della,
E possa quem os ouvir
Adora-la antes de vê-la.

Já lédo as vozes desato:

Ouve, ó Nynfa, os teus louvores:
Não pertendo ser-te grato
Traçando com vivas cores
Teu angelico retrato.

Permitte, Anarda piedosa,
Que se farte o meu desejo
N'outra empreza mais gloriosa;
Que o menor dom que em ti vejo,
He o dom de ser formosa.

Rubra boca, os olhos bellos,
Que brandamente movidos,
São de Amor agudos zelos;
Sobre alvo collo esparzidos
Louros ondados cabellos;

Braço airoso, a mão de neve;
Proporcionada cintura;
Eis a tua copia breve:
Porém vòa a formosura
Nas azas do tempo leve.

Outros bens mais duradouros
Não são á tua alma esquivos,
Bens que nos annos vindouros
Valem mais que huns olhos vivos,
Que huns soltos cabellos louros.

A destruir a belleza
A curva velhice corre:
Nada conserva firmeza;
Só a virtude não morre:
Vence as leis da Natureza.

Tu, que prezas a verdade;
Que tratas falsos sujeitos

Só com a côr de amizade,
E para os sinceros peitos
Mostras ter sinceridade;

Tu, que os enganos deslizas;
Que sabes vencer desgostos;
Que a lisonja ufana pizas;
Que não vês sómente os rostos;
Que até corações divizas;

Tu, que da seria prudencia
Segues os dictames puros;
Que tens amado a innocencia,
E nos conselhos maduros
Mostras de idade experiencia;

Teu nome eterno ha de ser
Estampado entre as estrellas;
Has de as mais Nynfas vencer,
Que sómente em serem bellas
Fundão todo o seu poder.

Amão a fofa vaidade;
Dos homens a seu sabor
Prendem a solta vontade:
Trazem nos olhos amor,
No coração falsidade.

Muitas fingem desprezar
Finezas de amante rude;
Fingem os sabios amar:
Não o fazem por virtude,
Querem talentos mostrar.

De que serve huma alma pura,
Se os pezados membros cobre
Rota humilde vestidura?

Nada val hum peito nobre
N'huma grosseira figura.

Corpo esbelto, onde ajustado
Brilha, cheio de ouro immenso,
Curto fraque afrancezado;
Cheiroso, candido lenço;
O cabelo apolvilhado;

Jocosas palavras ôcas;
Estes os dons relevantes,
Que deixão de vencer poucas
Das que fingem ser amantes,
E não passam de ser loucas.

Tu tens outro entendimento:
És sempre igual: não te vales
Das côres do fingimento:
Quer séria, quer rindo falles,
Não fundas torres no vento.

Rís da baixa adulação,
Mal que os teus ouvidos toca
A contrafeita expressão:
Conheces na falsa boca
O enganoso coração.

Ver sobre molle tapete,
Curvando as pernas, e os braços,
Peralta de alto topete,
Com destros miudos passos,
Dançar Francez minuete;

Vê-lo nutrindo esperanças
Entre agradaveis parceiras,
Fazer rapidas mudanças,
Torcendo as mãos nas ligeiras

Buliçosas contradanças;

Fervente rebeca ouvir,
Que infunde vivos prazeres,
Jámais te faz distrahir;
Pois antes dos Sabios queres
Sabios conceitos ouvir.

Só te vejo attenta em quanto
Ouves palavras discretas;
As Musas estimas tanto,
Que até dos tristes Poetas
Te commove o triste pranto.

Conheces seu duro mal;
Que sempre tributão fé
A coração desleal:
Que por isso em todos he
A tristeza natural.

Que ás Nynfas endurecidas
Lhes não causão terno effeito;
Que triunfão das fingidas,
Guardando dentro do peito
Inda frescas as feridas.

Porém já que ouzei fallar
De Amor nas sanguineas reixas,
Vou a lyra pendurar:
Não quero com minhas queixas
Teus louvores misturar.

Tu dirás que não tens parte
No meu mal cruento, e fero;
Que vou tristezas lembrar-te;
Dirás que affligir-te quero,
Quando desejo louvar-te.

Não te debes admirar:
Sei que em vão me estou
queixando;
Mas quem sente o seu pezar,
Se principia cantando,
Sempre acaba a suspirar.

QUIXOTADA.

Espicaça esse animal,
Companheiro Sancho Pança,
Entremos em Portugal,
E vamos molhar a lança
A pró do triste Pombal.

Poetas principiantes,
Já estou em circo raso:
Tambem Apollo he Cervantes,
Tambem cria no Parnaso
Seus cavalleiros andantes.

Não vos chamo, ó sujo rancho,
Que até os versos errais;
Em tal sangue as mãos não
mancho:
Para vós, e outros que taes
Sobeja a espada do Sancho.

Sobre vós carrego a mão,
Sobre vós, ó folhas velhas,
Que dais n'hum homem no chão,
Sem vos lembrar, que entre ovelhas
He fraqueza ser leão.

Essa boca enganadora,
Que he hoje da maldição,
Mil vezes se poz outra hora
Sobre a praguejada mão,
E lhe chamou bemfeitora.

Pois já que vós sois assim,
Povo revoltoso, e ingrato,
Hoje castigar-vos vim:
Ireis pelo pó do gato,
Nem esp'reis quartel em mim.

Santo Téjo, o curso enfreia,
E montando rochas duras
Torna atraz a clara veia:
Conta novas aventuras
Á formosa Dulcineia.

Nova guerra o mundo veja,
Guerra em que pouco se arrisca:
Serão armas na peleja,
Provado fuzil, e isca,
Secca, espinhosa carqueja.

Irmão Sancho, põe-te a pé,
Põe essas Rimas a prumo,
Principio á obra se dê,
Tolde o ar o negro fumo
Deste novo Auto da Fé.

Queima essas Satyras frias,

Faltas de sizo, e conselho:
Queima prosas, e poesias:
Acabe o cansado velho
Em paz os seus tristes dias.

Porém poupa sempre alguma
Das raras que tem sabor:
Das outras nem deixes huma,
Dessas que tudo he rancor,
E poesia nenhuma.

Em tanto as armas pendura:
Mas se houver desassizados,
Que queirão guerra mais dura,
Da minha lança cortados
Descerão á sepultura.

Já nuvens de fumo vejo:
Já chamma brilhante o arreda:
Já se farta o meu desejo;
Já da viva lavareda
Dá o clarão sobre o Tejo.

Essas cinzas denegridas,
Que ao velho poupão mil magoas,
Leve-as o Téjo envolvidas,
Fiquem no fundo das aguas
Para sempre submergidas.

Vês, Sancho, do nome meu
Como vôa a clara fama?
Nem viva alma appareceo
A apagar a voraz chamma,
Ninguém, ninguém se atrevo!

Vês como ajuda o destino.
A hum bom cavalleiro andante?

Não precisei de aço fino,
Nem de pés de Rocinante,
Nem de elmo de Mambrino.

Ó tu que alçaste a viseira
Forcejando os nervos velhos,
E para ver a fogueira
Limpaste os olhos vermelhos
Na felpuda cabelleira:

Abaixa a proa huma vez,
Chega a Dulcinea bella,
E dize posto a seus pés:
«Formosissima Donzella,
Eu sou hum triste Marquez,

«Que fugindo a hum povo inteiro,
A quem mettêra em furor
Minha privança, e dinheiro,
Vim achar mantenedor
Em teu nobre cavalleiro.

«Disse este povo malvado,
Que eu tinha o reino extorquido;
Que era gatuno afamado,
E que em jogos de partido
Tinha com todos levado;

«Que no Tabaco levava
Hum quinhão avantajado;
Que o Sabão não me escapava;
E que sem ser Deputado
Nas Companhias entrava.

«Das minhas Leis murmuravão:
E os seus pequenos juizos
Tão pouco o ponto tocavão,

Que sempre me erão precisos
Assentos que as declaravão.

«Té na lingoa sem motivo
Dérão criticos revezes:
Fiz nella estudo excessivo,
Bebi nos bons Portuguezes
Monopolio, e respectivo.

«Disse mais o povo insano,
Que perdi de Roma o trilho;
Que fui Sultão soberano;
Que andei cazando meu filho
Segundo o rito Othomano.

«Mas toda a maldade he sua:
Vêm riquezas, e palacio,
Comem-se de inveja crua:
São huns novos cães de Horacio
Ladrando debalde á lua.

«Já se me dá pouco, ou nada
Da sua guerra pequena:
Tenho gente em campo armada,
Tenho Mendoça co'a penna,
E Dom Quixote co'a espada.»

Esta falla, ou outra igual
Acabada, meu Marquez,
Faze rev'rencia formal,
E arrastra os gotozos pés
Para a villa do Pombal.

Nella vive descansado,
Porque as aguas vão serenas;
Sempre Ministro de Estado,
Mandando cousas pequenas

No teu Lopes encostado.

Junto á Estatua vil canalha
Desprende as lingoas tyrannas:
E se esta rude gentalha
Arrancar com mãos profanas
A carrancuda medalha:

Armas em ouro gravadas
Ser-te-hão por mim erigidas,
E por ti mesmo traçadas,
Em sangue humano tingidas,
E com mil leis penduradas.

ODE

*Offerecida a SS. MAGESTADES, no dia
da Acclamação da Rainha N. Senhora.*

A vida escura em que a natureza, e a fortuna me
lançarão tão longe dos Reaes pés de VV.
MAGESTADES; o medo justo de mandar huma voz
fraca, e desconhecida aos ouvidos de Reis, prenderião
hoje a minha lingua temerosa, se o amor da Patria, e o
gosto de a ver feliz, dando-me novo espirito, me não
puzessem na boca esta lingoagem, de huma alma
singela, estes versos sem arte dictados pelo amor
respeitoso, e que em lugar de enganosa, e enfeitada

poesia, descobrem unicamente os sentimentos de hum coração fiel, onde VV. MAGESTADES reinão Soberanamente.

Neste Throno, a que poucos Monarcas sobem, tem a Nação Portugueza collocado a VV. MAGESTADES por aquelle talento de agradar, dom do Ceo, precioso, e raro na Sagrada Pessoa dos Reis, que querem (como VV. MAGESTADES conseguirão) ser acclamados pela alegria publica, e pela torrente de lagrimas, com que hum povo inteiro, transportado de gosto, levantava ás estrellas os Augustos Nomes de seus novos Reis. Eu vi, Senhores, este grande espectaculo; foi huma scena de ternura, que arrancaria lagrimas ainda a hum coração que não fosse Portuguez. Vi soldados velhos, que endurecidos ao frio, e á calma, queimados com o fogo da polvora, annunciavão hum coração de ferro, banharem pela primeira vez de lagrimas ternissimas aquelles honrados rostos, aquellas cerradas feridas, que recebêrão pela Patria, e que tornarião a abrir com gosto, se o felicissimo Reinado de VV. MAGESTADES não estivesse destinado á paz, e á felicidade dos seus povos; era preciso ser insensivel para que no meio de hum povo entregue á doce, e tumultuosa desordem, que cansa a alegria excessiva, se conservasse a minha alma na sua situação ordinaria; predeo nella huma faisca do fogo sublime, que eu vi atear nos corações Portuguezes: a alta idéa das Virtudes de VV. MAGESTADES, a multidão de beneficios com que vemos dourados os dias do seu faustissimo Reinado, huma longa serie de felicidades aberta no futuro diante dos meus olhos, me levarião a través do povo, e das armas ao Throno dos Reis, onde á face do Ceo, e dos homens me desentranhasse em gritos de alegria, e mostrasse nesta especie de delirio, que o coração de VV. MAGESTADES não trabalha para ingratos; mas o profundo, e sagrado respeito, que pôde suffocar em

mim este impeto de ternura, não pôde fazer callar-me; levado da invencível força do amor, e do reconhecimento, me atrevo a pôr na Real presença de VV. MAGESTADES grandes cousas em máos versos; ponho a simples verdade, ponho os votos da Nação, e algumas das muitas acções de piedade com que VV. MAGESTADES tem mandado contentes os que levão por valia a razão, ou as desgraças. Se VV. MAGESTADES do alto do Throno se dignarem lançar os olhos sobre estes humildes versos, reconhecerão nelles não o Estro que faz Poetas, mas o que faz vassallos amantes de seus Soberanos. Estro sublime, e que deve tocar mais no coração dos Monarcas, do que o das Odes famosas de Pindaro, e de Horacio, cheias da mais bella poesia; mas filhas da arte, e da lisonja, e onde não fuzila aquella luz de verdade, que dará logo nos Reaes olhos de VV. MAGESTADES, se eu tiver a incomparavel honra de que este papel seja apresentado diante do Augusto, e Respeitavel Throno dos Pais da Patria, dos Amigos, dos Bemfeitores, dos Reis adorados da felicissima, e sempre fiel Nação Portugueza.

ODE.

Das virtudes guiados
Subí ao alto Throno, oh Reis Augustos;
Nem sempre esquivos fados

Se nos hão de mostrar surdos, e
injustos:

Abrem vasto thesouro,
E nos mandão por Vós a Idade de
Ouro.

Do Rei aos Ceos erguido
O Reino, e o coração tendes herdado,
Benigno, enternecido,
De mil virtudes solidas dotado;
Por genio piedoso,
E digno em fim de tempo mais ditoso.

Da Eterna Providencia
Os beneficos raios fuzilárão;
Já se estima a innocencia,
Já os tempos de Ferro se abrandárão,
Já vem o ar talhando
A Piedade, e a Justiça os braços
dando.

Com subita alegria
Tornai a ver os conhecidos lares,
Tornai a ver o dia,
Vós que habitastes horridos lugares,
Lugares deshumanos
Onde passastes dez, e outros dez
annos.

Do chão desentranhados
Vinde jurar os novos Reis felizes:
Nos pulsos descarnados
Mostrai ao Povo as roxas cicatrizes,
E os grilhões inda quentes
Na praça triunfal deixai pendentos.

Que lagrimas levaste,

Patrio Téjo, na tua escura veia
Quando turvo passaste!
E as ondas, que quebravas sobre a
areia,
Que cinzas que regarão!
Que triste sangue para o mar levarão!

Mas torna, oh manso Téjo,
Torna a volver corrente prateada:
Já taes males não vejo:
E até já foge a nuvem carregada,
Que á triste Lusa terra
Promettia fatal, e pronta guerra.

De pelouro violento
Não vê cair o exangue companheiro;
E dorme ao som do vento
Em campo aberto o molle pegureiro;
O lavrador cantando
Em paz herdados campos vai
cortando.

Da sorte das batalhas
Livrai, Piedosos Reis, os Portuguezes;
Pendurem duras malhas,

E os temperados lucidos arnezes
Os ardidos soldados
Das lagrimosas Mães em vão
chamados.

Que dias florecentes
Ao vosso fiel povo preparastes!
Quando com mãos prudentes
O pezo dos negocios espalhastes
Sobre os hombros robustos
De Ministros inteiros, sabios, justos.

Gemêo maniatado
Longo tempo o infeliz merecimento;
Mas já, o collo alçado,
Sacode o negro pó do esquecimento,
E a virtude innocente
De illustres palmas lhe coroa a frente.

Já vingadas serão
Do vil tutor as timidas donzellas;
Já não erguem em vão
As mãos, e os tristes olhos ás
estrellas;
Nua de falsidade
Aos ouvidos dos Reis chega a
verdade.

Mil louvores lhe cantão,
O limpo coração pondo no rosto:
E n'alma lhe levantão
Novo Throno, sobre ella melhor posto,
Que entre espessas falanges,
Que sobre ouro, ou perolas do
Ganges.

Novos Reis Soberanos,

Que hoje as rédeas tomais do Reino
vosso,

Os Fastos Lusitanos
Dirão de Vós o que eu dizer não
posso:

Vossa Augusta Memoria
Abrirá largo campo á longa Historia.

Sem trabalho podeis
Fazer feliz a gente Portuguesa,
Seguindo as santas leis,
Que n'alma vos gravou a Natureza,
A rara humanidade
A incorrupta Justiça, a sã Verdade.

*No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo
Senhor Marquez de Angeja.*

ODE

A rouca Lyra, Musa, temperemos,
Cordas de ouro lhe ponho:
O triste Boticario em paz deixemos,
E o Gamaõ enfadonho;
Inspira-me huma vez sonoros hinos,
Que Apollo julgue deste dia dinos.

Ensina-me a louvar do Illustre Angeja
Talentos sup'riores;

Que soffreo os assaltos d'alta inveja,
 Como soffre os louvores;
Cuja alma não conhece vís mudanças,
Ou corrão tempestades, ou bonanças.

Sem temor estalar o raio ouvia,
 Que ao perto fuzilava;
O recto coração tendo por guia,
 Seguro caminhava;
Em vão medonha tempestade freme,
Seu grande coração só crimes teme.

Ao pé do Throno Augusto em fim
chamado
 Venceo a crua inveja;
Quem no Conselho o poz dos Reis ao
lado
 Não foi sangue de Angeja,
Não foi de Hespanha antigo
Filhamento,
Foi sã justiça, foi merecimento.

Não revolvo a Real Genealogia
 De Henrique, e de Fernando;
Os são louvores deste grande dia
 De ti mesmo tirando,
Só louvarei com paternaes façanhas
Quem seu nome dever a mãos
estranhas.

Vias correr teus dias socegados
 Nutrindo esse alto esp'rito
No que ficou dos seculos dourados
 Em prosa, ou verso escrito;
Recolhendo na pródida memoria
De estranhos Reis, e de teus Reis a
historia.

Outras vezes rasgando á vasta terra
Seu peito cavernoso,
Ou descobrindo quanto o mar encerra
De raro, e precioso,
Profundavas com seria madureza
Os segredos da occulta natureza.

De tão doces estudos arrancado
Por mais altos destinos,
Da Lusa gente, e de seus Reis
chamado
A empregos de ti dinos,
Sacrificas aos novos Soberanos
De maduro saber teus cheios annos.

Permitta o Ceo que em taes trabalhos
vivas
Claro nome estendendo;
E que as douradas horas fugitivas,
As azas encolhendo,
Façam que o tempo demorando o
passo
Sinta a fouce cahir do frouxo braço.

Que cem vezes raiando este bom dia
O Oriente esclareça;
Que imperturbavel solida alegria
Com elle te amanheça;
Que em naturaes ternissimos affetos
A mão te beijem Netos de teus Netos.

Mas deixa, ó Musa, a frouxa poesia
Para assumptos menores;
Não profanem de Angeja a gloria, e o
dia
Importunos louvores;

Pois inda que soubesses dirigi-los,
Quer merece-los; mas não quer ouvi-
los.

Engana-te o dezejo, que te inspira,
Reconhece o teu erro;
Se vês, que só ajustão nesta lyra
Negras cordas de ferro,
Não torças, não, teu misero fadario:
Torna ao Gamão, e ao triste Boticario.

ODE

Ao Senhor D. Domingos de Assís Mascarenhas.

Clio huma setta tira
Da aljava de ouro, que pelo ar vazio
Longe correndo fira
Junto ao Mondego saudoso rio:
Alli em torno ás suas margens vôle,
E por feliz tres vezes o apregõe.

As claras aguas regão
Plantas bellas, fecundas, generosas:
Com desvelo se empregão
Em cultiva-las mãos industriosas:
Quão doces fructos, quão cheirosas
flores

De taes aguas, taes plantas, taes
cultores:

Ergue, illustre Mondego,
Ergue tua cabeça sobre as agoas:
Assás no fundo pégo
Choraste hum tempo tuas tristes
magoas.
Olha teus campos como esmalta agora
Em formosa união Pomona, e Flora.

Ó seio de candura,
Mascarenhas, Tu és o alvo, a méta,
Que anciosa procura
Da minha Clio a empennada setta.
Tu na alma paz, na sanguinosa guerra
Pódes ornar a tua, e alheia terra.

Mas boa sorte mude
Meu dito, e a outra parte te não chame
E onde tanta virtude
Tem a raiz, os fructos seus derrame;
Nem menos tempo o Sol illustre, e
aquente
A quem o vio desde o seu claro
oriente.

Porém, se he ordenado
Da Providencia sabia, santa, eterna,
Christão peito humilhado
Adora o Summo Ser que assim
governa:
Antes se goza, e dentro n'alma estima
Que Astro tão bello alegre mais d'hum
clima.

Entre tanto diffunde

Na Patria tua luz copiosa, e clara;
Que, se logo confunde
Os fracos olhos, depois guia, e aclara.
Arda ante incertos pés (e griterem vícios)
Alta tocha, que mostre os precipícios.

Constancia! que guardado
Está o galardão a teus suores,
Onde em cume estrellado
Vibra o Templo da Gloria resplandores.
Dalli olhos não tires; que ao trabalho
He doce viração, he fresco orvalho.

Tu, e esse Coro illustre
De mancebos Heróes, que se
obrigarão
A dar ao mundo lustre,
Quando o alto sangue dos Avós
herdarão;
Concebei novo fogo, e novo brio
Ouvindo onde vos chama a minha Clio.

Oh, se alguém me puzesse
Nas margens do Mondego claro, e frio:
Certo me não vencesse
Cysne de Dirce sobre o patrio rio.
Alli tão docemente vos cantára,
Que a ouvir-me feras, montes abalára.

Mas engenho ir recusa
Onde ir Amor, e Gratidão me incita:
Nescia, se o esperas, Musa!
Não corre lasso pé 'strada infinita.
Almas illustres, haveis sómente
O dom sincero de hum dezejo ardente.

Só mal sonora rima,

Que sem veia forjou saudade, e zelo,
Leráõ o amavel Lima,
O sabio Castro, e o profundo Mello,
Pedras, que tu mal soffres, ó Lisboa,
Faltarem tanto tempo á tua c'roa.

Em louvor da Saude.

ODE.

Não procura palacios sumptuosos
A brilhante Saude;
O seu rosto agradavel, e rizonho,
Até aos Reis se esconde:
Ella faz com que seja venturozo
O roto Peregrino,
Se entre a negra gadelha, lhe
apparece
Hum semblante sádio.
O Captivo Remeiro fatigado,
Do ardente Sol não fuja:
Em ferros envolvido o duro corpo,
Trabalhe o dia inteiro:
O queimado semblante ande
banhando
De violento suor:
Apressado mastigue, e poucas vezes,
O corrupto biscoito:
Mas tenha o rosto alegre, e socegado

Entre as duras prizões,
Se á pallida doença não tem visto
O macilento aspeito;
Se com braço membrudo, e vigorozo
Força o remo pezado.
Inda sinto inflammar-me em teus
louvores,
Oh Saude aprazivel!
Tu és Filha do Ceo, Mãi da alegria,
Dom de Deus Piedoso.
Se os miseros mortaes expõem a vida
Por danozas riquezas;
Por ellas que farião, se servissem
De te fazer propicia?
Filha do Ceo benigno, se te déras
Por ouro, ou fina prata,
Eu não temêra as tempestuosas ondas
Do fervido oceano:
Nos occultos sertões iria entrando
Co'a mesma côr no rosto;
Não me assustára o dente venenozo
Da enroscada serpente;
Do fertil oriente nos outeiros
Cavaria anciozo,
Por ver se das entranhas te trazia
Abundantes thesouros.
Mas a bella Saude, he dom celeste;
Com ouro não se compra:
Ella foge dos impios, que se assentão
A saborozas mezas;
Que adormecem em leitos guarnecidos
De preciosas sedas;
E vai guardar, com pródigo cuidado,
O simples Pescador,
Que sobre ásperas rochas, sem abrigo
Aos rigorozos tempos,
Vai nutrindo no corpo mal vestido

Hum coração sincero;
Que humilde sabe erguer ao Ceo
piedozo
As innocentes mãos.

FIM.

INDICE.

SONETOS.

<i>A Sua Alteza</i>	Pag. 3. 4. 31.
<i>Sahindo Conselheiro da Fazenda o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Diogo de Noronha</i>	5.
<i>Aos leques mui pequenos, chamados Marotinhos</i>	6.
<i>O cruel Disfarce</i>	7.
<i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Visconde de Ponte de Lima, Secretario de Estado</i>	8.
<i>Fazendo annos a Illustrissima, e Excellentissima Senhora Marqueza de Angeja</i>	9.
<i>Aos Annos do Illustrissimo, e</i>	10.

Excellentissimo Senhor Conde de Avintes

Estando nas Caldas [11.](#)

A huns Annos [12.](#)

Ao Disfarce das Mulheres [13.](#)

A huma Camponeza [14.](#)

A huma Dama interesseira [15.](#)

Ao faustissimo dia da Inauguração da Estatua Equestre d'El-Rei Fidelissimo o Senhor D. José I. [16.](#)

Descripção de Badajoz [17.](#)

Á Serenissima Princeza entrando no banho [18.](#)

Levantando-se o Author da meza de hum Grande por serem horas de ir para a Aula [19.](#)

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Penalva, chegando o Author á Quinta das Lapas [20.](#)

Descripção de hum Peralta amaltezado [21.](#)

Aos Annos do Serenissimo Principe N. Senhor [22.](#)

A hum Leigo Arrabido vesgo [23.](#)

Aos Toucados altos [24.](#)

Mettendo a ridiculo humas Contradanças [25.](#)

Por occasião de estranharem ao Author hum sonho que a ninguem offendia [26.](#)

Á moda dos Chapéos maiores da marca [27.](#)

Ás Fivelas chamadas à la Chartre [28.](#)

A huma Velha presumida [29.](#)

<i>Aos Annos de huma formosa Dama</i>	<u>30.</u>
<i>A hum Padre Guardião</i>	<u>32.</u>
<i>Em louvor de Caporalini, Actor do Theatro de S. Carlos</i>	<u>33.</u>
<i>Achando-se o Author prezo dos bellos olhos de Marcia</i>	<u>34.</u>
<i>Sobre a Ingratidão de huma Dama</i>	<u>35.</u>
<i>CANTIGAS feitas nas Caldas</i>	<u>36.</u>
<i>ENDECHAS</i>	<u>39.</u>

DECIMAS.

<i>Em dia dos annos do Illustrissimo Principal Almeida</i>	<u>45.</u>
<i>Mote: Olhos de Lize, olhos bellos, &c.</i>	<u>47.</u>
<i>Mote: Tu teimas em desprezar-me, &c.</i>	<u>50.</u>
<i>Mote: Não sei que quer a desgraçada, &c.</i>	<u>53.</u>
<i>Mote: Os meus olhos a chorar</i>	<u>56.</u>
<i>Mote: Já disse tudo a Cupido</i>	<u>57.</u>
<i>Mote: Distancias, e saudades</i>	<u>58.</u>
<i>Mote: Cantarei alegres penas, &c.</i>	<u>59.</u>
<i>Mote: Nada no mundo figura, &c.</i>	<u>60.</u>
<i>Mote: Amor para me prender, &c.</i>	<u>61.</u>
<i>Mote: A minha felicidade</i>	<u>62.</u>
<i>Mote: Quem adora occultamente &c.</i>	<u>63.</u>
<i>Mote: Nos olhos o amor explico, &c.</i>	<u>66.</u>
<i>Mote: Por passos sem esperança, &c.</i>	<u>69.</u>

Mote: <i>Eu já tenho exp'rimentado &c.</i>	70. 71.
Mote: <i>Ouvi, ó Senhora, ouvi, &c.</i>	72.
Mote: <i>Hei de amar-te até á morte, &c.</i>	75.
Mote: <i>Toda a Mulher he perjura</i>	78.
Mote: <i>De mil suspiros que eu dou</i>	80.
<i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Penalva</i>	79. 81.
<i>Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Villa Verde</i>	82. 84. 87. 94.
<i>Vagando hum Officio que o A. pertendi</i>	88.
<i>Joaquim Ignacio Seixas, Medico das Caldas</i>	89.
<i>hum Pregador celebre</i>	90.
<i>Carta a Lourenço da Mota, Officialda Secretaria</i>	91.

QUADRAS.

<i>Ao Juiz do Crime de Andaluz</i>	95.
<i>Memorial a Suas Altezas</i>	98.

QUINTILHAS.

<i>No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Villa Verde</i>	<u>103.</u>
<i>Em louvor de huma Senhora Quixotada.</i>	<u>106.</u> <u>114.</u>

ODES.

<i>A SS. MAGESTADES, no dia da Acclamação da Rainha N. Senhora</i>	<u>122.</u>
<i>No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja</i>	<u>132.</u>
<i>Ao Senhor D. Domingos de Assís Mascarenhas</i>	<u>137.</u>
<i>Em louvor da Saude</i>	<u>142.</u>

Notas:

[1] *Duvidoso.*

[2] *O Marquez de Pombal.*

[3] *Tem allusão ao Soneto VI.*

[4] *Duvidoso.*

[5] *Duvidoso.*

[6] *Os Márques compráram em Lisboa humas casas a certo homem da mesma por preço exorbitante: feita a escritura, e passado o dinheiro em cartuxos, voltou brevemente o vendedor dizendo que indo em casa a contar os cartuxos achára cobre, e não ouro. Quem compra por preço tal, parece que não faz tenção de pagar: Quem vende por tal preço, parece ter demasiada cubiça. Todos estavam em boa reputação.*

[7] *Estas Decimas fez o A. em agradecimento de ser provido pelo Principal, então Director dos Estudos, na Cadeira de Rhetorica, de que depois se queixou tanto.*

[8] *Outro Pregador tendo bebido demasiado, chegou ao pulpito, e só pronunciou estas palavras: Sempre me deito.*

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK
OBRAS POSTHUMAS ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR
USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you

can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations

concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.